



Homens negros (re)existem: os fios que tecem as masculinidades negras

João Vítor Barbosa Souza, Yure Oliveira Venceslau

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

joaovitorbarbosasouza8@gmail.com

TRABALHOS COMPLETOS – GT 02 - ETNIA, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender os atravessamentos que tecem as masculinidades negras, levando em consideração os aspectos históricos, sociais e culturais que permeiam a vida dos homens negros, que desde de cedo são imbuídos em uma estrutura de opressão que é ao mesmo tempo, colonial, patriarcal e sexista. Por meio de uma revisão bibliográfica, evidenciando alguns autores como: Guimarães, 2022; Restier, 2017; Fanon, 1952; Barreto, 2022; Souza, 2010; hooks, 2019; Davis, 1981; Rodrigues, 2020, e outros, o texto discute como esses sistemas de opressão fragilizam a constituição subjetiva e social dos homens negros, afastando-os de seus aspectos emocionais e de suas humanidades.

Palavras-chave: Homens negros. Masculinidades. Gênero.

Submetido em: 11/10/2025 | **Aceito em:** 10/11/2025

INTRODUÇÃO

As discussões sobre masculinidades, especialmente masculinidades negras, ainda podem ser consideradas recentes, sobretudo, porque os estudos que se propõe a discutir gênero e raça são comumente direcionados para o feminino (Guimarães, 2022).

Algumas indagações acerca da categoria gênero emergem no ocidente no século XIX através de alguns movimentos sociais como feminismo, que inicialmente expressava as lutas de mulheres brancas por direito ao voto e a entrada no mercado de trabalho (Restier, 2017).

No entanto, cabe ressaltar que a noção de masculinidade já era abordada em algumas literaturas. Um exemplo significativo é a obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon, publicada em 1952 e que já refletia as relações entre homens e mulheres, bem como entre negros e brancos, evidenciando como essas



categorias se relacionavam, a partir de alguns entrecruzamentos, dentre eles, a raça.

Neste sentido, no século XX, mais precisamente nos anos 60, o feminismo negro, alcança grande visibilidade, trazendo à tona a relação entre raça e gênero, desvelando assim, o racismo que assolava tanto as mulheres como também os homens negros (Restier, 2017).

Assim, todo esse contexto, influenciou diretamente para que as categorias gênero e raça ganhassem notoriedade e relevância nos debates sociais, abrindo espaço para o surgimento das primeiras pesquisas acadêmicas sobre masculinidades (Guimarães, 2022).

Perante este cenário, discutir masculinidades negras é um desafio constante, é estar a todo momento em questionamento, buscando compreender, como aponta Barreto, (2022, p.184) “[...]como podemos construir alternativas para pensar e propor novas identidades masculinas negras que se oponham aos estereótipos sexistas e racistas”. Além disso, é entender ainda que essa discussão carece de um entendimento sobre os vestígios históricos que caracterizam o imaginário social sobre o significado do que é ser um homem negro.

Sendo assim, este escrito tem por objetivo compreender os atravessamentos das masculinidades negras, levando em consideração as percepções históricas permeadas por uma estrutura de opressão que é ao mesmo tempo, colonial, patriarcal e sexista. Tendo por questionamento, como esta estrutura resulta em fragilidades na constituição subjetiva e social do homem negro?

Para além disso, a justificativa deste trabalho surge da necessidade, de enquanto homens negros contribuirmos para dismantelar os preconceitos/estereótipos que ainda recaem sobre nós, com vistas a construção de outras perspectivas, sobretudo, positivas para repensar as nossas masculinidades.

METODOLOGIA

Sendo a metodologia uma preocupação instrumental, que define o percurso para o pesquisador tratar a realidade na perspectiva teórica e prática (Dermo 1987), este escrito, caracteriza sua metodologia em uma abordagem



qualitativa que segundo Minayo (2010, p.21) “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes”. Desse modo, essa abordagem leva consideração os aspectos subjetivos de determinado fenômeno, aspecto que foi essencial para a construção deste trabalho.

Neste sentido, a discussão aqui tecida, foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica, que evidenciou importantes autores que discutem a temática aqui proposta, cujo as reflexões foram fundamentais para o aprofundamento deste trabalho. Dentre esses autores, destacam-se: Guimarães, 2022; Restier, 2017; Fanon, 1952; Barreto, 2022; Souza, 2010; Hooks, 2019; Davis, 1981; Rodrigues, 2020, e outros.

O AFETO NÃO É PARA NÓS?

A noção de masculinidade, pode parecer a primeiro momento, algo simples de ser compreender, muitas vezes sendo relacionada a uma característica natural dos homens. Entretanto, é fundamental entender que a definição de masculinidade é profunda, e carrega diferentes aspectos: históricos e sociais, conforme nos mostra Souza:

a masculinidade não pode ser vista como formulação cultural de um dado natural, mas como fruto de interações e de dispositivos institucionais para a conduta humana que, ao longo da história, nomearam diferenças corpóreas e forjaram assimetrias e hierarquias. A masculinidade é um conjunto de atributos que significam o masculino e, ao mesmo tempo, serve para marcar oposição e diferença ao feminino. Trata-se de uma posição nas relações de gênero que influencia as práticas e a forma como o sujeito se relaciona com experiências físicas, pessoais e culturais (SOUZA, 2010, p. 113-114).

Desse modo, os debates sobre masculinidades, especialmente masculinidades negras, não podem acontecer isolados da estrutura social, pois é ela o principal fator que influencia diferentemente na construção dessas masculinidades.

Essa mesma estrutura social, imbuem homens negros desde a tenra idade em um sistema de opressões que os deslocam para uma dimensão distante de si mesmo, fragilizando as suas próprias noções acerca do seu ser e até do contexto onde se encontram inseridos, nesse deslocamento os sentimentos, emoções e



aspectos afetivos também se perdem, empurrando o homem negro para um abismo de perdas internas e sociais.

Um exemplo comum disso, é a dificuldade que muitos homens negros possuem em demonstrar afetos nas relações que vivenciam, especialmente no seio familiar onde, essas manifestações são extirpadas desde de muito cedo, pois, em sua grande maioria são interpretadas como sinais de fraqueza, características dificilmente atribuídas a homens negros.

Neste sentido, o silenciamento das expressões afetuosas do homem negro, possui raízes históricas fincadas no período colonial, mais precisamente no regime escravocrata que no Brasil compreende entre 1500 a 1822. Regime esse, onde os homens negros diante das violências cotidianas, miséria e abusos precisavam esconder seus sentimentos de dor, revolta e até de solidariedade pelos seus semelhantes que vivenciavam as mesmas violências, caso manifestassem qualquer tipo de sentimentos frente aquelas situações, punições severas eram aplicadas, em alguns casos muitos perdiam até a própria vida (Hooks, 2019).

Mesmo após esse período, com a abolição da escravidão (1822), os homens negros ainda não podiam acessar plenamente seus sentimentos e emoções, é nesta direção que Patricio (2023, p.11) questiona “como vivenciar algo que não havia sido lhe ensinado? Como amar, se durante quase quatro séculos só lhe foi oferecido ódio e revolta?”. Ou seja, todo esse período de dor e sofrimento forjou diretamente a relação do desses homens com seus aspectos afetivos e emocionais, de modo que vivenciá-los, até hoje é um processo desafiador e complexo.

Todo esse cenário, serviu ainda para demarcar nesses homens, o sentimento de que o afeto é algo distantes de suas realidades e que vivencia-lo é praticamente impossível, e assim, ainda hoje, um questionamento ecoa entre nós, homens negros: o afeto não é para nós? Infelizmente a sociedade nos responde que não, por conta das narrativas racistas, sexistas e patriarcais socialmente produzidas sobre nós o afeto continua a ser um lugar difícil de ser adentrado.

Como nos aponta Bell Hooks:



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas :: VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento :: I Jequiê Zumba :: Cantinho do Griô



A verdade de fato, que é um tabu quando verbalizada, é que nossa cultura não ama homens negros; eles não são amados por homens brancos, por mulheres brancas ou por mulheres negras, nem por meninas e meninos. Sobretudo, a maioria dos homens negros não se ama. Como eles poderiam amar a si e uns a outros, como poderia se esperar que eles amassem cercados de tanta inveja, desejo, ódio? Homens negros na cultura do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista são temidos, não amados (HOOKS, 2022, p. 32).

É diante desse cenário, que homens negros são aprisionados mentalmente, afastando-se de qualquer noção que contrarie a lógica opressora em que estão imersos, sobretudo aquelas que os levem as suas emoções. Assim, este contexto consolida ainda outra narrativa: “homens não choram”.

Essa narrativa emerge como uma engrenagem social que invisibiliza os aspectos emocionais dos homens, sobretudo dos homens negros, pois por meio dela, é estabelecida a obrigação de performar força e rigidez o tempo todo. Para os homens negros, isso adquire um nuance ainda mais cruel: como um corpo que historicamente foi desumanizado é capaz de expressar uma ação tão humana como o choro? Essa negação da sensibilidade impostas aos homens negros, perpetua estereótipos racistas, ao mesmo tempo que fortalece o silenciamento, emocional desses homens.

Nesta perspectiva, Volp (2022, p.22) vai dizer que “para um homem negro, o ato de chorar adquire uma outra camada: a de resistência”. Assim, o pranto dos homens negros é uma maneira de desafiar as estruturas opressoras que interditam as suas vivências, para esses homens chorar é assumir as suas condições humanas, perante a um sistema que insiste em desumaniza-los.

HOMENS NEGROS EXISTEM, MAS A SOCIEDADE AINDA NÃO OS VÊ

Dentre os diversos mecanismos que sustentam as opressões impostas aos homens negros, destacam-se os estereótipos, que para Brookshaw (1983, p.10) é “tanto causa quanto o efeito de um pré-julgamento de um indivíduo em relação a outro, devido à categoria a que ele ou ela pertence”. Desse modo, os estereótipos não se limitam apenas às representações acerca do outro, mas também se configura como um mecanismo de dominação social.



Nesta perspectiva, Angela Davis (1981) descortina em seu livro *Mulheres, raça e classe*, o mito do “homem negro estuprador” representação que concebe o homem negro como uma constante ameaça sexual, violento e desumanizado, a qual a existência é uma afronta para a branquitude tendo como seu principal desejo a mulher branca sinônimo de pureza e do poder racial hegemônico.

Este estereótipo instituído pela branquitude, teve como propósito fundamental a criminalização dos homens negros, categorizando cada um em um alvo da violência e da marginalização (Guimarães, 2022).

Ainda em relação ao homem negro enquanto uma ameaça sexual, é importante compreender que essa visão se relaciona com a lógica “falocêntrica” uma forma de fazer os homens acreditarem que o seu valor individual está diretamente relacionado com a sua performance sexual, centralizando assim a importância dos homens, especialmente os homens negros em torno do órgão genital masculino (hooks, 2022).

Essa lógica foi historicamente moldada pelo o colonialismo, que estabeleceu a atividade sexual do homem negro, como sinônimo de força e virilidade, resultando assim, em uma pressão emocional constante sobre esse homem, que dentro dessa lógica é visto apenas como um mero objeto de satisfação sexual (Silva, 2024).

Em consonância a isso, evidencia Rodrigues:

A objetificação do corpo masculino negro como viril, forte e insaciável parece sugerir que este corpo serve quase que exclusivamente aos desejos do próprio corpo, deixando de lado outros aspectos (valores, pensamentos e direitos) da essência humana, como inteligência, cultura, educação etc (RODRIGUES, 2020,p. 60).

Desse modo, os homens negros são posicionados em um campo solidificado no terreno dos estereótipos e preconceitos que minam e fragilizam a suas subjetividades, este mesmo campo colabora para a construção de masculinidades impregnadas pelos resquícios racistas e patriarcais, historicamente produzidos com vistas a desumanização desse homem.

Nesse cenário, a invisibilidade dos homens negros não decorre da ausência de suas existências, mas da forma estereotipada e opressora que a sociedade



insiste em enxergá-lo. Assim sendo, para esses homens, assumir suas próprias narrativas pode se revelar como um caminho potente de resgate da humanidade, da subjetividade e do direito de se constituírem plenamente como sujeitos legítimos. No entanto, esse percurso ainda está longe de ser percorrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da discussão aqui desenvolvida, torna-se evidente que falar sobre masculinidades negras é abordar um complexo contexto histórico e social que, ainda hoje, continua a moldar essas masculinidades. Por meio de uma estrutura de opressão que é ao mesmo tempo colonial, patriarcal e sexista, os homens negros têm suas narrativas aprisionadas no terreno dos estereótipos e da desumanização.

Nesse cenário, esses sujeitos precisam resistir cotidianamente a um sistema que insistem em invisibiliza-los, lutando para construir suas histórias de forma legítima e validar suas existências. Por fim, para que os homens negros possam viver plenamente em nossa sociedade, é necessário romper com as estruturas que os empurram para as margens, e ressignificar suas narrativas reconhecendo e legitimando o direito de serem vistos, ouvidos e respeitados em todos os seus aspectos.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, A. de O. **Masculinidade negra e a colonização: Ecos do passado no presente.** *Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*, v. 5, n. 12, 2022.
- BROOKSHAW, David. **Race and Color in Brazilian Literature.** Metuchen: Scarecrow Press, 1983.
- DA SILVA, Erick Santos. **Pensando as masculinidades negras: reflexões a partir de bell hooks.** *Mosaico: Estudos em Psicologia*, v. 12, n. 1, 2024.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.
- DERMO, J. **Metodologia: caminho para a pesquisa.** *Revista de Educação*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 33-42, 1987.



FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GUIMARÃES, Dandara Abreu et al. **“Negro drama”: representações e estereótipos acerca das masculinidades negras**. 2022.

HOOKS, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidades**. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

PATRÍCIO, Cláudio et al. **A dor invisível: reflexões sobre o sofrimento do homem negro numa sociedade patriarcal e racista**. 2023.

RESTIER, Henrique. **Lá vem o negão: discursos e estereótipos sexuais sobre homens negros**. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017.

RODRIGUES, W. H. de S. **Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro**. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 13, n. 41, p. 267–284, 2020.

SOUZA, Raquel. **Rapazes negros e socialização de gênero: sentidos e significados de “ser homem”**. *Cadernos Pagu*, p. 107–142, 2010.

VOLP, Stefano. **Homens pretos não choram**. São Paulo: Editora Letramento, 2021.